

Construções passivas na Variedade Brasileira da Língua Japonesa: uma análise funcional-tipológica

Passive constructions in the Brazilian Variety of the Japanese Language: a Functional Typological Approach

Kaoru Tanaka de LIRA*

Universidade de Brasília (UnB)

RESUMO: A chegada de imigrantes japoneses e seus descendentes ao Distrito Federal remonta à época da construção da Nova Capital, em 1957. Quase 70 anos após os primeiros imigrantes virem ao Planalto Central, ainda é possível observar o uso da língua japonesa nas comunidades nipo-brasileiras do Distrito Federal. A presente pesquisa visa revisitar as compilações relacionadas às construções passivas na língua japonesa a fim de descrever as passivas na VBLJ. Esta pesquisa utilizou dados de três fontes distintas: os relatos descritivos do vídeo *Pear Stories*, 'Histórias de Peras', as mensagens textuais trocadas em um aplicativo de celular e os resultados da aplicação do experimento *fish film*, 'filme de peixes'. A descrição da língua é feita a partir da análise dos dados por uma perspectiva funcional-tipológica baseada nos trabalhos de Siewierska (2013) e Payne (2006), além de Iwasaki (2013), Kishimoto, Kageyama e Sasaki (2015) e Shibatani (1990) referentes à língua japonesa. Os dados encontrados apontam que o comportamento das construções passivas da Variedade Brasileira da Língua Japonesa é similar à variedade falada daquele país.

PALAVRAS-CHAVE: Passivas diretas. Passivas indiretas. Voz. Valência. Passiva adversativa.

ABSTRACT: The arrival of Japanese immigrants and their descendants in the Brazilian Federal District dates back to the time of the construction of the New Capital in 1957. Nearly 70 years after the first immigrants came to the Central Plateau, it is still possible to observe the use of the Japanese language in the Federal District's Brazilian Japanese communities. This research aims to revisit the compilations related to passive constructions in the Japanese language in order to describe passives in the BJLV (Brazilian Variety of the Japanese Language). The study utilized data from three distinct sources: descriptive accounts from the Pear Stories video, text messages exchanged via a mobile app, and results from the fish film experiment. The language description is based on data analysis from a functional-typological perspective, grounded in the works of Siewierska (2013) and Payne (2006), as well as Iwasaki (2013), Kishimoto, Kageyama, and Sasaki (2015), and Shibatani (1990) regarding the Japanese language. The findings indicate that passive constructions in the Brazilian Variety of the Japanese Language behave similarly to those in Japan.

KEYWORDS: Direct passives. Indirect passives. Voice. Valency. Adversative passive

* Possui graduação em Letras Japonês pela Universidade de Brasília (2006), mestrado em Letras pela Nagoya University (2011) e doutorado em Linguística pela Universidade de Brasília (2022). Atualmente é professora assistente do Curso de Letras - Japonês do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da Universidade de Brasília. E-mail: kaoru.tanaka@unb.br.

Introdução

A presença de imigrantes japoneses e seus descendentes no Distrito Federal retoma a construção da Nova Capital Federal em 1957. O Distrito Federal recebeu um grande contingente de operários para a construção de Brasília. No entanto, à época, contava apenas com três cidades: Planaltina, Brazlândia e Cidade Livre (atual Núcleo Bandeirante), que eram insuficientes para abastecer a população crescente do Planalto Central. Portanto, a instauração de um cinturão verde tornou-se iminente (Joko-Veltman; Torreão; Sugimoto, 2008, p. 105).

Para a implantação desse cinturão verde, com o objetivo de abastecer a Nova Capital, o Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC) passou a selecionar agricultores por meio de entrevistas e análises de conhecimentos técnicos. Desse modo, muitos imigrantes japoneses foram beneficiados por esta iniciativa do INIC.

Para melhor compreensão da chegada dos imigrantes japoneses no Distrito Federal, pode-se recorrer aos jornais da época. De acordo com os levantamentos jornalísticos realizados por Joko-Veltman, Torreão e Sugimoto (2008), de agosto de 1957, as primeiras cinco famílias japonesas se instalaram no entorno de Brasília. Outro artigo, do *Jornal do Brasil*, também de agosto do mesmo ano, informa sobre o breve deslocamento de 300 famílias de imigrantes japoneses para Brasília, com o propósito de compor a produção hortifrutigranjeira.

As condições atraentes oferecidas pelo governo de Juscelino Kubitschek, como o arrendamento das terras, foram fatores que facilitaram a vinda dos agricultores imigrantes e seus descendentes (Joko-Veltman; Torreão; Sugimoto, 2008, p. 105). Esses foram os primeiros japoneses a chegar à região do entorno de Brasília, seguidos por outros nos anos subsequentes.

Segundo o censo do IBGE de 2022, a população do Distrito Federal que se declara amarela², quanto à cor ou à raça, é cerca de 12.900 pessoas. Dado o contexto histórico, imagina-se que uma grande fatia dessa população seja composta por descendentes de japoneses.

² O IBGE considera como cor ou raça amarela as pessoas de origem oriental: Japonesa, Chinesa ou Coreana.

Nos eventos organizados pelas entidades japonesas no entorno e na cidade de Brasília, ainda hoje, o japonês é uma das línguas utilizadas entre os imigrantes e seus descendentes para comunicação. No entanto, a língua japonesa falada no Brasil já possui suas próprias peculiaridades, sendo denominada Variedade Brasileira da Língua Japonesa (VBLJ) (Tanaka de Lira, 2022, p. 1).

Nesse contexto, este trabalho faz parte de uma pesquisa maior, que visa descrever e registrar a língua falada por imigrantes japoneses e seus descendentes no Planalto Central como parte da história e da identidade da comunidade nipo-brasileira residente no Distrito Federal. Este artigo tratará especificamente das construções passivas da Variedade Brasileira da Língua Japonesa, passando pelas especificidades comuns deste tipo de construção entre as línguas do mundo, a descrição das passivas na língua japonesa e, por fim, a descrição das passivas na VBLJ.

A fonte da análise utilizada são as descrições do vídeo *Pear Stories*³ feitas por falantes da VBLJ, coletadas, a princípio, no contexto de pesquisa de Tanaka de Lira (2022). É um conjunto de 36 versões de explicações sobre o mesmo vídeo feitas por nipo-brasileiros, imigrantes, filhos e netos, residentes no Distrito Federal e Goiás, com idades entre 17 e 81 anos no momento da coleta. Além dessas narrativas, para a realização da presente pesquisa, os dados foram complementados com outras duas fontes: mensagens textuais trocadas em um aplicativo de celular e com dados obtidos da aplicação do experimento do *Fish Film*⁴ ambas oferecidas por uma mesma colaboradora.

1 Construções passivas

Em termos **semânticos**, a construção passiva prototípica é usada em contextos em que o argumento agente é menos relevante que o argumento paciente (Payne, 2006, p. 250), ou seja, em contextos nos quais se quer dar maior destaque ao paciente.

Em termos **sintáticos**, as orações passivas são construções que se opõem às construções ativas não marcadas. Assim, os contrastes sintáticos entre uma construção

³ O vídeo *Pear Stories*, em português *Histórias de peras* foi criado pelo linguista e professor americano Wallace Chafe nos anos 70. Com duração de aproximadamente seis minutos, o vídeo não tem falas, apenas efeitos sonoros e foi confeccionado para extrair amostras de línguas de todo o mundo.

⁴ O experimento *Fish Film* se refere a obter amostras linguísticas solicitando ao colaborador que descreva uma sequência de cenas em que um peixe surge na tela e come ou é comido por outro peixe que aparece em sequência. É uma sequência de 32 cenas que se repetem com a atuação de peixes de diferentes cores.

passiva e sua correspondente ativa são de que **a)** na sentença passiva, quando o agente é codificado, ele é expresso por um sintagma oblíquo; **b)** quando há um sujeito da passiva, ele corresponde ao objeto direto da oração ativa; **c)** as orações passivas são pragmaticamente mais restritas; e **d)** apresentam alguma marcação morfológica especial no sintagma verbal (Siewierska, 2013). Quanto à forma que as línguas codificam as mudanças no sintagma verbal, as orações passivas podem ser classificadas em **passivas sintéticas** (morfológicas) ou **perifrásticas** (analíticas) (Payne, 2006, p. 250). As passivas sintéticas são formuladas por meio de afixação verbal, como é o caso em suahili. As passivas perifrásticas, por sua vez, são feitas com o uso de uma forma de particípio do verbo lexical mais um verbo auxiliar, como é o caso do inglês (Siewierska, 2013) e da língua portuguesa.

Ainda em termos sintáticos, a passivização prototípica de uma construção ativa é uma operação de diminuição de valência. Abaixo, em 1.b, um exemplo de uma construção passiva:

- (1) a. Nesta casa, os humanos amam muito os gatos.
b. Nesta casa, os gatos são muito amados (pelos humanos).

A descrição das construções passivas acima se encaixa mais especificamente na descrição de **passivas pessoais** em que há basicamente duas operações além da marcação morfológica no verbo: o rebaixamento ou a supressão do sujeito da ativa e a promoção do objeto da ativa.

Há ainda construções passivas em que há apenas o rebaixamento do agente, que são denominadas **passivas impessoais** (Siewierska, 2013). O participante descentralizado não é um indivíduo específico e é, na maioria das vezes, uma entidade não identificável, desconhecida ou vaga (Payne, 2006, p. 254). Um exemplo na língua portuguesa seria '*Amam-se gatos nesta casa*'.

Observe o exemplo do canarês, em que a sentença em a. é passiva e a em b. é ativa:

Canarês (Siewierska, 2013, *apud* Sridhar 1990: 215)

- (2) a. *i: nirNayav-annu khaNDisala:yitu*
esta resolução-ACU denunciar.INF.TORNAR.3N
'Esta resolução foi denunciada'
- b. *ya:ro: i: nirNayav-annu khaNDisidaru*
alguém esta resolução-ACU denunciar.PSD.3PL.HUM
'Alguém denunciou esta resolução.'

No cananês, uma língua dravídica falada na Índia, as passivas pessoais coexistem com as passivas impessoais (Siewierska, 2013).

2 Construções Passiva na Língua Japonesa

Na língua japonesa, são relatados dois tipos de construções passivas denominadas pelos teóricos japoneses de **passiva direta** e **passiva indireta**. Em ambos os casos, as sentenças passivas são formadas pelo sufixo verbal *-(r)are*, caracterizando-se, assim, como passivas morfológicas (Shibatani, 1990, p. 219; Kishimoto; Kageyama; Sasaki, 2015, p. 776).

Observe primeiro os exemplos de passiva direta, em que as sentenças em a. são passivas e em b. são ativas:

Passivo direta (pessoal):

- (3) a. *Gakusei ga sensei ni {home-rare-ta / yob-are-ta / dakisime-rare-ta}*.
estudante NOM professor DAT {elogiar-PASS-PSD/ chamar-PASS-PSD/ abraçar-PASS-PSD}
'O estudante foi {elogiado/chamado/abraçado} pelo professor.'
(adaptado de Kishimoto, Kageyama e Sasaki, 2015, p.776)
- b. *Sensei ga gakusei wo {home-ta/ yon-da/ dakisime-ta}*.
professor NOM estudante ACU {elogiar-PSD/ chamar-PSD/ abraçar-PSD}
'O professor {elogiou/chamou/abraçou} o estudante.' (da autora)

As passivas diretas se encaixam bem na descrição de passiva pessoal de Siewierska (2013). O paciente da oração ativa, *gakusei* 'estudante', é promovido a sujeito da construção passiva; o agente é demovido da função de sujeito da sentença ativa para um oblíquo na passiva, recebendo a marcação dativa, *ni*⁵; o verbo recebe marcação morfológica, o sufixo *-(r)are*. Em suma, a operação diminui a transitividade do verbo, propriedade característica da construção passiva pessoal.

Quando se trata de verbos ditransitivos, tanto o argumento tema, quanto o recipiente podem ser promovidos (Kishimoto; Kageyama; Sasaki, 2015). Nos exemplos a seguir, a sentença em (4a) é passiva com promoção do tema; em (4b) é passiva com promoção do recipiente e, em (4c), é a oração ativa correspondente:

⁵ A marcação do argumento demovido pode variar entre o dativo *ni*, o ablativo *kara* ou *niyotte* 'por', dependendo de alguns fatores sintáticos e semânticos (Kishimoto, Kageyama; Sasaki, 2015, p. 776).

- (4) a. *Syoo ga sensei {niyotte/kara} gakusei ni atae-rare-ta*
prêmio NOM professor {por/ABL} estudante DAT dar-PASS-PSD

‘Um prêmio foi dado ao estudante pelo professor.’

(adaptado de Kishimoto, Kageyama e Sasaki, 2015, p.776)

- b. *Gakusei ga sensei {ni/niyotte/kara} syoo wo atae-rare-ta.*
estudante NOM professor {DAT/por/ABL} prêmio ACU dar-PASS-PSD

Lit.: ‘O estudante foi dado o prêmio pelo professor’

‘O estudante foi premiado pelo professor.’

(adaptado de Kishimoto, Kageyama e Sasaki, 2015, p.776)

- c. *Sensei ga gakusei ni syoo wo atae-ta*
professor NOM estudante DAT prêmio ACU dar-PSD

‘O professor deu um prêmio para o estudante.’

(da autora)

Os nominais promovidos são marcados pelo morfema nominativo *ga*. O sujeito agente da oração ativa, na passiva derivada, é marcado por *niyotte* ‘por’ ou pelo ablativo *kara* quando o tema é promovido, em (4^a), ou por *ni*, além das duas anteriores, quando o recipiente é promovido.

No que diz respeito às restrições, segundo Iwasaki (2013, p. 154), as construções passivas não são compatíveis com verbos estativos, como *aru* ‘existir’, *dekiru* ‘ser capaz’, *wakaru* ‘entender’, *niru* ‘assemelhar-se’, *iru* ‘precisar de’. Além disso, formalmente, a passiva direta não pode ser feita a partir de verbos intransitivos (Kishimoto; Kageyama; Sasaki, 2015, p. 776).

Já as **passivas indiretas** têm peculiaridades tanto semânticas quanto sintáticas que as diferenciam das passivas diretas. São assim chamadas, pois é um tipo de construção em que há o acréscimo de um participante semanticamente extra, que não está diretamente envolvido no evento (Iwasaki, 2013, p. 158). O participante acrescido neste tipo de passiva é um sujeito afetado ou experienciador afetado (Kishimoto; Kageyama; Sasaki, 2015, p. 776), ou que recebe um impacto psicológico⁶ do evento (IWASAKI, 2013, p. 160). Por implicar um efeito desagradável ou indesejável ao sujeito afetado, esse tipo de construção é também conhecido como **passivas adversativas** (Kishimoto; Kageyama; Sasaki, 2015, p. 776).

⁶ O termo usado pelo autor é *psychological affect*.

Apresenta-se abaixo uma sentença ilustrativa de uma oração ativa, uma oração passiva direta e uma oração passiva indireta, respectivamente, em (5a), (5b) e (5c).

Ativa

- (5) a. *neko ga sakana wo tabe-ta*
gato NOM peixe ACU comer-PSD

‘O gato comeu o peixe.’

Passiva direta

- b. *sakana ga neko ni tabe-rare-ta*
peixe NOM gato DAT comer-PASS-PSD

‘O peixe foi comido pelo gato.’

Passiva indireta

- c. *Yamada-san ga neko ni sakana wo tabe-rare-ta*
yamada-sr NOM gato DAT peixe ACU comer-PASS-PSD

O sr. Yamada foi afetado pelo gato ter comido o peixe’

(adaptados de Iwasaki, 2013, p. 159)

Contrastando a passiva direta com a passiva indireta, verifica-se a aparição de um novo personagem, Yamada, no cenário da oração em (5).c. Ele não participa efetivamente do evento *sakana o tabe-ta* ‘comeu o peixe’, mas é, de algum modo, afetado por ele. Segundo Iwasaki (2013, p. 160), o efeito adverso que se abate sobre participante acrescido é qualitativamente diferente daquele transmitido pela semântica do verbo. Note que, no exemplo (5), o verbo *taberu* ‘comer’, não tem conotação negativa por si só, mas a leitura adversativa surge quando a sentença é passivizada.

Compare as sentenças ativa, em (6a); passiva direta, em (6b); e a passiva indireta, em (6c), que se seguem:

Ativa

- (6) a. *Kodomo ga mado wo wat-ta*
criança NOM janela ACU quebrar-PSD

‘A criança quebrou a janela.’

Passiva direta

- b. *Mado ga kodomo ni war-are-ta*
janela NOM criança DAT quebrar-PASS-PSD

‘A janela foi quebrada pela criança.’

Passiva indireta

- c. *Hanako wa kodomo ni mado wo war-are-ta*
Hanako TOP criança DAT janela ACU quebrar-PASS-PSD

‘Hanako foi afetada pelo quebrar da janela pela criança.’

(adaptados de Iwasaki, 2013, p. 159)

O apagamento ou o rebaixamento do argumento agente sujeito para um oblíquo é, como mencionado acima, uma propriedade característica das construções passivas. No entanto, como se observa, nos exemplos (5) e (6) acima, há aumento de valência, o que caracteriza esse tipo de passiva da língua japonesa (Shibatani, 1990, p. 326). Tanto em (5c) quanto em (6c), pode-se interpretar que sejam casos de alçamento genitivo. Ou seja, o sujeito da oração passiva é resultado da promoção do sintagma genitivo da oração ativa, que seriam:

- 5'. a. *Kodomo ga Hanako no mado wo wat-ta*
criança NOM Hanako GEN janela ACU quebrar-PSD
‘A criança quebrou a janela de Hanako.’
- 6'. a. *Neko ga Yamada-san no sakana wo tabeta*
gato NOM Yamada-sr GEN peixe ACU comer-PSD
‘O gato comeu o peixe do senhor Yamada.’

Os casos similares de passivas com alçamento de possuidor da oração ativa para sujeito na oração derivada serão classificados, na presente pesquisa, como passivas indiretas⁷.

O cerne da distinção entre as passivas diretas e indiretas é explicado por Shibatani (1990, p. 319-320) da seguinte maneira: se o evento descrito pode ocorrer sem envolver o sujeito da oração passiva, é uma passiva indireta; se não, é um caso de passiva direta. Não é possível ter o evento *mado o waru* ‘quebrar a janela’, em (6).b, sem o envolvimento da janela. No caso de (6).c, no entanto, não há envolvimento direto de Hanako no evento *mado o waru* ‘quebrar a janela’, sendo assim, um caso de passiva indireta.

O acréscimo de um novo participante possibilita que a operação de passivização seja aplicada a verbos intransitivos, como demonstrado no exemplo de Kishimoto, Kageyama e Sasaki (2015, p. 776) abaixo em (7b). A oração ativa correspondente, em (7a), é da própria autora:

- Ativa**
(7) a. *Ame ga hur-u*

⁷ Na pesquisa anterior, publicada em 2022, a autora analisou as passivas com alçamento do sintagma genitivo como passivas diretas.

chuva NOM chover-NPSD

Lit.: ‘A chuva chove.’

(da autora)

Passiva

b. *Ken ga ame ni hur-are-ta*
Ken NOM chuva DAT chover-PASS-PSD

‘Ken tomou chuva.’

(adaptado de Kishimoto, Kageyama e Sasaki, 2015, p. 776)

Na sentença passiva, em (7b), verifica-se o acréscimo do sintagma *Ken* marcado com o nominativo *ga*. E *ame*, ‘chuva’, deixa a posição de sujeito na oração ativa e passa a ser marcado pelo dativo, *ni*. Na língua japonesa, o verbo *huru* ‘chover’ é um verbo intransitivo que requer um argumento, *ame* ‘chuva’, diferentemente de muitas línguas em que verbos que expressam fenômenos da natureza têm argumento zero.

A passivização de orações com verbos intransitivos não é uma exclusividade da língua japonesa, como é o caso do latim e do alemão. No entanto, no caso dessas línguas, a operação segue a lógica de redução de valência, passando de sentenças intransitivas com um argumento para orações com argumento zero (Shibatani, 1990, p. 323).

O aumento do número de participantes se aplica não só aos verbos intransitivos como aos transitivos e ditransitivos. Abaixo exemplos de passivas indiretas com verbos de cada tipo, demonstrando que em todos os casos há a inclusão de uma participante extra. As sentenças em a, são ativas e as em b, são passivas indiretas.

Intransitivo

(8) a. *inu ga hoe-ta*
cão NOM latir-PSD

‘O cão latiu.’

b. *boku wa inu ni hoe-rare-ta*
1SG.MASC TOP cão DAT latir-PASS-PSD

‘Eu fui afetado pelo latido pelo cão.’ (adaptado de Iwasaki, 2013, p. 160)

Transitivo

(9) a. *Tarou ga doramu wo rensyuusi-ta*
Tarou NOM bateria ACU praticar-PSD

‘Taro treinou bateria.’

b. *Hanako wa Taroo ni doramu wo rensyuus-are-ta*
Hanako TOP Tarou DAT bateria ACU praticar-PASS-PSD

‘Hanako foi adversamente afetada pela prática de bateria de Taro.’

(adaptados de Shibatani, 1990, p. 326)

Ditransitivo

- (10) a. *sensei ga Hanako ni kotae wo osie-ta*
 professor NOM Hanako DAT resposta ACU ensinar-PSD

‘O professor ensinou a resposta para Hanako.’

- b. *Taroo wa sensei ni Hanako ni kotae wo osie-rare-ta*
 Tarou TOP professor DAT Hanako DAT resposta ACU ensinar-PASS-PSD

‘Taro foi adversamente afetado pelo professor ensinar a resposta para Hanako.’

(adaptados de Shibatani, 1990, p. 326)

Ressalta-se que nas orações transitivas e ditransitivas o argumento paciente mantêm-se marcado com o acusativo, o, na oração derivada, *doramu* ‘bateria’, em (9b) e *kotae* ‘resposta’, em (10b).

Outra característica das passivas indiretas, apontada por Shibatani (1990, p. 326), é o fato de requererem que todos os argumentos sejam expressos, salvo nos em que a identidade do participante omitido tenha sido fornecida contextualmente. No entanto, essa afirmação é ambígua. A ressalva de os argumentos podem ser omitidos quando a identidade do participante é oferecida no contexto é incoerente com a obrigatoriedade da codificação. Em outras palavras, a codificação dos argumentos não é obrigatória.

Vistas as propriedades das passivas diretas e indiretas trazidas pelos pesquisadores, no quadro abaixo foram sistematizados os atributos usados para a classificação das passivas na presente pesquisa:

Quadro 1: Atributos das construções passivas direta e indireta

	Passivo direto	Passivo Indireto (Adversativo)
Função	Dá maior destaque ao paciente em detrimento ao agente.	Expressa efeito desagradável ou indesejável ao sujeito afetado
Valência	Reduz valência por meio da demção ou apagamento do sujeito da ativa	Aumenta valência com a inserção de um novo participante
Restrição	Restrito a verbos transitivos e ditransitivos	Sem restrição quanto à transitividade
Processo	Transitivos: Promove o objeto direto da ativa a sujeito com marcação nominativa <i>ga</i> ou topicalização <i>wa</i> . Molde: <NOM, ACU> para <NOM, DAT> Ditransitivos:	Acréscimo do sujeito a ‘afetado’ ou ‘experimentador afetado’, ou que recebe um impacto psicológico do evento In/Di/Transitivos:

	Promove objeto direto (tema) ou objeto indireto (receptor) a sujeito da passiva mantendo a marcação de caso do outro objeto. Molde: <NOM, DAT, ACU> para <NOM, DAT/ABL/ni yotte, ACU>	Mudança da marcação do sujeito original nominativo <i>ga</i> para dativo <i>ni</i> . Molde: <NOM> para <NOM, DAT>
Marcação do sintagma agente	dativo <i>-ni</i> ; ablativo <i>-kara</i> ; posposição <i>-niyotte</i>	Invariavelmente, dativo <i>-ni</i>

Tendo repassado e definido as propriedades gerais das construções passivas e da língua japonesa, passamos para a análise das passivas na Variedade Brasileira da Língua Japonesa.

3 Construções Passivas na VBLJ

Nesta seção, são apresentados alguns dados da VBLJ, separados por tipos de construções passivas, iniciando pelas passivas diretas. Os primeiros dados a serem apresentados foram obtidos por meio do experimento *Fish Film*.

Passiva direta

- (11) a. *Akai sakana wa aoi sakana ni tabe-rare-ta*
 vermelho peixe TOP azul peixe DAT comer-PASS-PSD
 ‘O peixe vermelho foi comido pela peixe azul.’ (2024-08-17 KT)

Ativa

- b. *Akai sakana wa siroi sakana wo tabe-ta*
 vermelho peixe TOP branco peixe ACU comer-PSD
 ‘O peixe comeu o peixe azul.’ (2024-08-17 KT)

Observa-se que, na oração passiva da VBLJ, em (11), assim como na língua japonesa falada no Japão, o sufixo *-(r)are* é acrescentado à raiz verbal, e o agente é marcado com o dativo, *ni*. Na oração ativa, o sujeito agente é topicalizado, sendo marcado pelo morfema *wa*, e o objeto paciente é marcado por *wo*, acusativo.

Em seguida, são apresentados dois exemplos de oração passiva direta, retirados da coletânea de narrativas das descrições do vídeo *Pear Stories*.

Passiva direta

- (12) a. *Nasi wa barabara tto mak-are-tyat-ta*
 pera TOP ONOM tto espalhar-PASS-CONV.acabar-PSD

‘As peras acabaram sendo espalhadas.

(2017-09-30 THA)

Ativa

b. (otokonoko ga) nasi wo barabara tto
mai-tyat-ta
menino NOM pera ACU onom tto espalhar-CONV.acabar-
PSD

‘O menino acabou espalhando as peras.’

(da autora)

Ao contrastar a oração passiva em (12) com a contraparte ativa em (12), observa-se que o paciente, *nasi* ‘pera’, foi promovido a sujeito da oração passiva e o agente do evento espalhar foi suprimido. O verbo *mak-u* ‘espalhar-NPSD’ (alomorfe *mai*) recebeu a marcação por meio do sufixo *-are*. Apesar de o agente do verbo *mak-u* ‘espalhar-NPSD’ não ter sido codificado, sua identidade, *otokonoko* ‘menino’, foi fornecida pelo contexto.

O dado abaixo se trata de uma oração passiva em uma oração relativa⁸, delimitada entre colchetes, que modifica a palavra *togoro* ‘local’.

Passiva

(13) a. [kago ga nusum-are-ta] togoro
cesta NOM roubar-PASS-PSD local
‘local onde a cesta foi roubada’

(2017-12-08 GK)

Ativa

b. [kago wo nusun-da] togoro
cesta ACU roubar-PSD local
‘local onde roubou a cesta’

(da autora)

No dado apresentado em (13), observa-se que, assim como em (12), o agente não foi codificado, mas infere-se pelo contexto que seja *otokonoko* ‘menino’. O paciente, *kago* ‘cesta’, foi promovido a sujeito da oração passiva, sendo marcado pelo nominativo, *ga*. O verbo *nusum-u* ‘roubar-NPSD’ (alomorfe *nusun*) recebe o sufixo passivo *-are*.

Em seguida, observe outra ocorrência da passiva direto, extraída de um aplicativo de troca de mensagens.

Passiva:

(14) a. Tiko-tyan ni sika-rare-ru yo⁹
Tiko-DIM DAT repreender-PASS-NPSD ENF

‘Será repreendida pela Tiko, viu?’

(2018-09-21 KT)

Ativa

b. Tiko-tyan ga (anata wo) sika-ru yo
Tiko-DIM NOM 2SG ACU repreender-NPSD ENF

⁸ Para as análises, procurou-se selecionar orações principais. No entanto, dados de orações principais, simples foram escassos na presente pesquisa.

⁹ Texto original: チコちゃんに叱られるよ。

‘Tiko irá te repreender, viu?’

A frase é um dos bordões de um programa famoso da televisão japonesa. Tiko é uma personagem, uma menina sabida de sete anos, que faz perguntas aparentemente óbvias, mas difíceis de serem respondidas. Todos temem errar as respostas das perguntas feitas pela Tiko, pois “serão repreendidos pela Tiko”. O paciente não foi codificado, e o agente da repreenda passou a ser marcado pelo dativo, *ni*. O verbo foi sufixado pelo morfema passivo *-rare*.

Os dados acima confirmam que as construções da VBLJ apresentam as propriedades das passivas conforme descritas por Siewierska (2013). Ou seja, contrastam com uma construção ativa; o sujeito da ativa não é exposto explicitamente ou é rebaixado a um oblíquo; o sujeito da passiva corresponde ao objeto direto da ativa e a construção exibe alguma marcação morfológica especial no verbo. Essa marcação é feita por meio da sufixação do morfema *-(r)are* imediatamente após a raiz verbal, assim como na língua japonesa daquele país.

Os exemplos de orações passivas mostrados até aqui se enquadram nas construções mais prototípicas, as passivas diretas. Contudo, também foram encontradas, nos dados desta pesquisa, construções **passivas indiretas**. Um exemplo de passiva adversativa foi encontrado nas interações no aplicativo de mensagem. A colaboradora relata um evento em que seu cachorro, aqui identificado como K., foge e morde uma pessoa em uma bicicleta. Entre uma sequência de orações coordenadas, está a *pa tto nige-rare-te* ‘pá [me] foge e’, extraído do seguinte contexto¹⁰:

<i>K</i>	<i>mata</i>	<i>pekki</i>	<i>no</i>	<i>hito</i>	<i>kan-da</i>	<i>tte</i>
nome	novamente	pack	GEN	pessoa	morder-PSD	CIT

‘[Disseram] que o K mordeu a pessoa do pack novamente.’

<i>Mae</i>	<i>ni</i>	<i>kam-are-ta</i>	<i>onaji</i>	<i>hito</i>	<i>dat-te</i>
antes	LOC	morder-PASS-PSD	mesmo	pessoa	COP-PSD

‘[Disseram] que é a mesma pessoa que (K) mordeu antes.’

<i>E</i>	<i>ga</i>	<i>isya</i>	<i>ni</i>	<i>ture-te</i>	<i>it-ta</i>	<i>tte</i>
nome	NOM	médico	LOC	levar-CONV	existir-PSD	CIT

‘Que E levou para o médico.’

<i>Konsyu</i>	<i>seruka</i>	<i>hadime-te</i>	<i>yoru</i>	<i>hanasi-te</i>	<i>i-ru</i>	<i>kedo,</i>
---------------	---------------	------------------	-------------	------------------	-------------	--------------

¹⁰ **Texto no original com os nomes codificados:** K又ペッキの人噛んだって。前に噛まれた同じ人だって。Eが医者連れて行っただって。今週セルカ閉めて夜放しているけど、今日は、Mがいてドアの閉まりが悪いとこ直そうとしてたら、パッと逃げられて、上の方まで追いかけて行ったら、自転車に乗った人噛んだって。

essa.semana cerca começar-CONV noite soltar-CONV existir-NPSD mas
 ‘Essa semana começaram a cerca e a (cão) está solto, mas...’

kyou wa M ga i-te doa no simari ga warui to
 hoje TOP nome NOM existir-CONV porta GEN fechamento NOM ruim CIT
 ‘hoje o M estava o fechamento da porta está ruim, e quando estava tentando consertar assim...’

doa no simari ga warui to kou nao-sou to site-ta-ra,
 porta GEN fechamento NOM ruim CIT assim consertar-tentar CIT fazer-PSD-quando
 ‘quanto estava tentando consertar a porta assim, [dizendo] que o fechamento da porta está ruim, ...’

pa tto nige-rare-te,
 pá COP.ADV fugir-PASS-CONV
 ‘pá (me) foge e...’

ue no hou made oikake-te it-ta-ra,
 cima GEN direção ALA perseguir-CONV ir-PSD-quando
 ‘quando perseguiu até lá em cima...’

ditensya ni notta hito kan-da tte
 bicicleta LOC montar-PSD pessoa morder-PSD CIT
 [disseram] que mordeu a pessoa que estava montada na bicicleta.’

A tradução livre do texto todo seria:

‘Disseram que K mordeu a pessoa do pack novamente, que E levou para o hospital. Essa semana começou a [instalação da] cerca e de noite [o cachorro] está solto, mas o M estava hoje e, dizendo que o fechamento da porta (portão) estava ruim, (M) estava tentando consertar quando [o cachorro] **pá [me] fugiu**. Disseram que [ele] perseguiu [o cão] até lá em cima, quando (o cachorro) mordeu uma pessoa que estava montado na bicicleta.’

Extraindo-se apenas a oração em que se encontra a construção passiva, temos:

Passiva

- (15) a. (...) [*watasi-tati ga/wa inu ni*] *pa tto nige-rare-te, (...)*
 [1SG-PL NOM/TOP cão DAT] pá CIT fugir-PASS-CONV
 ‘(...) pá, [o cão me] foge e (...).’ (2023-09-02 KT)
 Lit.: ‘(...) [fomos afetados] pela fuga [do cão] e (...)’

Ativo

- b. *Inu ga nige-ta*
 cão NOM fugir-PSD

‘O cão fugiu.’ (da autora)

Como frequentemente ocorre na língua japonesa, quando o contexto linguístico ou extralinguístico é claro, o sujeito é omitido (Kuno, 1981). No caso desta oração passiva, nem o argumento agente nem o participante afetado foram expressos, o que limita

a análise, principalmente em relação à marcação dos argumentos, uma vez que a parte entre parênteses foi completada pela autora. No entanto, dado o contexto e os atores e assumindo que as partes preenchidas estejam corretas, observa-se que o agente, *inu* ‘cão’, é rebaixado de sujeito a oblíquo na oração passiva, enquanto o sujeito passa ser o participante afetado, não diretamente envolvido no evento *nigeru* ‘fugir’. O verbo foi marcado com o sufixo *-rare*.⁷

Além disso, foram encontradas, nos dados coletados nesta pesquisa, construções passivas indiretas com alçamento do possuidor. Observe a frase retirada da narrativa do *Pear Story* em que o colaborador descreve o momento em que o menino, montado na bicicleta, cruza com uma menina que toma o chapéu do menino.

Passiva

- (16) a. *(otokonoko ga/wa) zyosee ni bousi wo tor-are-ta*
 menino NOM/TOP mulher DAT chapéu ACU tomar-PASS-PSD
 ‘(O menino) teve o chapéu tomado pela mulher’ (2017-07-16 MT)

Ativa

- b. *zyosee ga (otokonoko no) bousi wo tot-ta*
 mulher NOM menino GEN chapéu ACU tomar-PSD
 ‘A mulher tomou o chapéu (do menino). (da autora)

Na oração passiva em (16).a, o agente da ação do verbo *tor-u* ‘tomar-NPSD’ (alomorfe *tot*) é *zyosee* ‘mulher’, marcado pela posposição *ni*, e o verbo é sufixado pelo passivo *-are*. Mais uma vez, o sujeito da passiva não foi codificado. Contudo, pelo contexto, pode-se afirmar que se trata do protagonista, *otokonoko* ‘menino’. Ao formulando a oração ativa correspondente, verifica-se que o sujeito da ativa *zyosee* ‘mulher’ ocupa papel de objeto indireto, e o paciente, *bousi* ‘chapéu’, permanece como objeto na passiva. Considerando que *otokonoko* ‘menino’ seja o sujeito da oração passiva, ele ocupa o papel de possuidor do chapéu na oração ativa correspondente. Portanto, o dado acima é um exemplo de **passivas indiretas** com promoção do possuidor para sujeito.

Outro exemplo similar é encontrado no mesmo trecho do vídeo, mas na versão de outro colaborador. Nesse trecho, o menino montado na bicicleta tem a atenção desviada pela menina que cruza seu caminho.

- (17) a. *(otokonoko ga) sono ko ni ki wo tor-are-te*
 menino TOP DEM criança DAT atenção ACU tomar-PASS-CONJ
 ‘Essa criança (menino) teve a atenção tomada.’ (2017-06-25 HAS)

- b. *sono ko ga (otokonoko no) ki wo tot-te*
 essa criança NOM menino GEN atenção ACU tomar-NPSD

‘A menina tirou a atenção.’

(da autora)

No dado acima, o sujeito da oração passiva não foi codificado, mas também pode-se inferir, pelo contexto, que seja *otokonoko* ‘menino’, como já incluído entre parênteses em (16).a e na oração ativa correspondente em (16).b. Na oração passiva, além do morfema passivo *-are* sufixado à raiz verbal, o agente, *sono ko* ‘essa criança’, é demovido de sujeito na oração ativa a oblíquo. O paciente *ki* ‘atenção’, por sua vez, se manteve como objeto.

Assim como no exemplo anterior, considerando que *otokonoko* ‘menino’ seja o sujeito da oração passiva, ele equivale ao possuidor de *ki* ‘atenção’ na oração ativa correspondente. Dessa forma, as orações passivas demonstradas em 16.a e 17.a são exemplos de passivas indiretas em que o sujeito corresponde ao sintagma genitivo do objeto direto da oração ativa.

Conclusão

Nesta pesquisa, foram utilizados dados de três fontes distintas a fim de descrever as construções passivas da VBLJ: relatos descritivos do vídeo *Pear Stories*, ‘Histórias de Peras’; mensagens textuais trocadas em um aplicativo de celular e a partir da aplicação do experimento *Fish Film*. Este último não se mostrou adequado para coletar as passivas indiretas, devido às peculiaridades semânticas e sintáticas dessas construções, como já demonstrado anteriormente, as quais não são contempladas no experimento.

Ao analisar os dados, constatou-se que, assim como na língua japonesa comum falada no Japão, a VBLJ apresenta passivas diretas e as passivas chamadas indiretas. Contudo, os casos de passivas indiretas foram escassos em comparação às passivas prototípicas e insuficientes em termos de comprovação. O único caso de passiva indireta com verbo intransitivo foi o *pa tto nigerarete* ‘*pá* [me] foge e’, em que nem o sujeito afetado nem o agente da ação de fugir foi codificado, fato que enfraqueceu os argumentos para a vinculação desta construção neste tipo de passivas. Apesar da hesitação na inclusão deste dado optou-se por mantê-lo no presente trabalho, considerando que a omissão dos participantes é frequente em extratos genuínos da língua.

Uma das dificuldades encontradas no processo de construção deste artigo é a divergência entre pesquisadores relacionada à vinculação de um tipo específico de

construção. Uma delas é a afirmação de que as passivas indiretas necessariamente têm uma leitura de adversidade, o que não se mostra unânime entre os autores. As lacunas fizeram com que critérios próprios fossem adotados. No entanto, a lacuna teórica sobre a natureza do que é chamado de construção passiva indireta, principalmente em relação às passivas formadas a partir de verbos transitivos, ainda precisa ser explorada em pesquisas futuras.

ABREVIATURAS

1	primeira pessoa	LOC	locativo
2	segunda pessoa	N	neutro
ACU	acusativo	NEG	negativo
CIT	citativo	NMLZ	nominalizador
CMPLZ	complementizador	NOM	nominativo
COND	condicional	NPSD	não-passado
CONJ	CONJUNÇÃO	ONOMT	onomatopeia
CONV	converbo	PSD	passado
DAT	dativo	PASS	passivo
DEM	demonstrativo	PL	plural
DIM	diminutivo	SG	singular
ENF	ênfase	TOP	tópico
GEN	genitivo		

AGRADECIMENTOS:

Gostaria de expressar minha gratidão ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da Universidade de Brasília (IL/UnB), em especial ao curso de Licenciatura em Língua Japonesa e Respectiva Literatura, pela oportunidade de me dedicar às atividades de pesquisa durante o pós-doutorado (2024-2025). Agradeço, também, à minha supervisora e amiga, Flávia de Castro Alves, e ao meu colega e marido, Marcus Tanaka de Lira, por todo o apoio e incentivos constantes.

REFERÊNCIAS

IBGE. Censo Demográfico 2022. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2023. Disponível em:
<https://censo2022.ibge.gov.br/apps/pgi/pdf/PublicacaoCorouRaca20122024_1.pdf>.
Acesso em: 30 julho 2024.

IWASAKI, S. **Japanese**. Amsterdão: John Benjamins Publishing Company, 2013.

JOKO-VELTMAN, I.; TORREÃO, A.; SUGIMOTO, F. M. 1957: Ano 1 da imigração japonesa no Distrito Federal. In: FEANBRA **Centenário da imigração japonesa no Brasil e cinquentenário da presença nipo-brasileira em Brasília**. Brasília: FEANBRA, pp. 103-109, 2008.

KISHIMOTO, H.; KAGEYAMA, T.; SASAKI, K. Valency classes in Japanese. In: MALCHUKOV, A.; COMRIE, B. **Valency Classes in the World's Languages**. Berlim: De Gruyter, v. 1, Cap. 20, pp. 765-805, 2015.

KUNO, S. Japanese: A Characteristic OV Language. In: LEHMANN, W. P. **Syntactic Typology: Studies in the Phenomenology of Language**. 2ª. ed. Austin: University of Texas Press, 1981. Cap. 2, p. 57-138. Disponível em: <https://liberalarts.utexas.edu/lrc/resources/books-online/syntactic-topology/2.-japanese.php#txu-oclc-4204075-c-082>.

PAYNE, T. E. **Exploring Language Structure: A Student's Guide**. New York: Cambridge University Press, 2006.

SHIBATANI, M. **The languages of Japan**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SIEWIERSKA, A. Chapter Passive Constructions. **The World Atlas of Language Structures Online**, 2013. Disponível em: <<https://wals.info/chapter/107>>. Acesso em: 06 Setembro 2020.

SUZUKI, K. *et al.* **Gaisetsu Nihongo Gaku**. 7ª. ed. Tokyo: Meiji Shoin, 1995.

TANAKA DE LIRA, K. **Aspectos morfossintáticos da variedade brasileira da Língua Japonesa falada no DF: uma perspectiva funcional-tipológica**. Universidade de Brasília. Brasília, p. 235, 2022.

VELUPILLAI, V. **An introduction to linguistic typology**. Amsterdão: John Benjamins Publishing Company, 2012.